



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração oficial da Usina Padre Carlos**

Poços de Caldas, MG, 16 de janeiro de 2004

Meu caro companheiro Aécio Neves, governador do Estado de Minas Gerais,

Meu caro companheiro Anderson Adauto, ministro dos Transportes,
Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra de Minas e Energia,

Meu querido companheiro José Graziano, ministro extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome,

Meu caro Walfrido Mares Guia, ministro do Turismo,

Meu caro Nilmário Miranda, secretário especial de Direitos Humanos,

Senador Eduardo Azeredo,

Deputado Geraldo Tadeu,

Deputado Odair,

Deputado Virgílio Guimarães,

Deputada Maria do Carmo,

Meu caro Fernando Pimentel, prefeito de Belo Horizonte,

Meu caro Paulo Tadeu, prefeito de Poços de Caldas, e sua senhora Vera Lúcia D'Arcadia,

Meu caro Cícero Machado de Moraes, diretor-geral do Departamento Municipal de Eletricidade,

Deputados estaduais,

Secretários municipais e estaduais,

Prefeitos aqui presentes,

Meus companheiros e minhas companheiras,



Em 2001, por ocasião da Caravana de Furnas, fiquei ciente do exemplar trabalho realizado pelo Departamento Municipal de Energia de Poços de Caldas, que atende, com geração própria, a 100% do consumo residencial e rural da área sob sua jurisdição.

O que mais me surpreendeu, contudo, foi o fato de que a cidade não conta com um rio potencial para abrigar uma grande hidrelétrica. E que, na verdade, o que parecia obstáculo acabou funcionando como estímulo à criatividade para aproveitamento dos pequenos ribeirões existentes.

Assim, preocupada em praticar menores tarifas e obter recursos que garantissem a qualidade de seus serviços, a prefeitura de Poços de Caldas iniciou, na década de 80, programa de ampliação da geração de energia por meio de pequenas centrais hidrelétricas.

A usina Padre Carlos, também conhecida como Rolador, que estamos inaugurando, já é a quinta central instalada pelo município e representa toda a experiência adquirida pela Prefeitura nos últimos 20 anos.

Totalmente automatizada, construída com recursos próprios e em harmonia com o meio ambiente, esta nova central está agregando ao parque gerador 7,8 megawatts.

Há razões de sobra, portanto, para que a Prefeitura de Poços de Caldas tenha conquistado tantos prêmios e seu Departamento Municipal de Energia tenha sido eleito melhor concessionário de energia elétrica do país em 2003.

Parabéns ao companheiro prefeito Paulo Tadeu, que, entre outras realizações, soube dar continuidade e mesmo aperfeiçoar a política integrada de gestão das águas de Poços de Caldas.

Parabéns pelo trabalho de despoluição dos rios, córregos e represas, pelo saneamento e interceptação dos esgotos, pelo plantio de mais de 400 mil árvores junto às nascentes e mananciais, e pelo tombamento das águas sulfurosas.

Meus amigos e minhas amigas,



É preciso criatividade, mas sobretudo planejamento, para garantir que não falte energia nem para o consumo atual nem para o desenvolvimento do país.

Com esse objetivo, criamos um novo modelo para o setor elétrico. Um modelo que respeita contratos, estimula investimentos privados e também garante que tenhamos, além de segurança no fornecimento de energia, o máximo de eficiência com as tarifas mais baixas possíveis.

Estamos, neste momento, retomando 17 obras de hidrelétricas que fornecerão ao país novos 4 mil 149 megawatts de energia. E há também outros 18 empreendimentos não iniciadas por razões ambientais. Todas terão em breve, uma solução. Porque, pela primeira vez, estamos colocando o meio ambiente para trabalhar junto com o Ministério de Minas e Energia, para que a partir do momento em que um projeto esteja pronto, o licenciamento também já esteja regularizado.

Temos 9 termelétricas em construção e 4 em ampliação.

Agora, com o novo modelo, as obras são feitas mediante avaliação preliminar do impacto ambiental, ou seja, quando a obra ainda está no projeto. Essas medidas evitarão que tenhamos empreendimentos parados, como esses 18 que mencionei.

Lançamos, também, o Programa Luz para Todos, em parceria com os estados, para levar energia elétrica, até 2008, a mais de 12 milhões de pessoas ainda carentes. Só sabe a importância da energia elétrica, quem já teve que anoitecer sob a luz do candeeiro. Quem não viveu isso, não dá a importância devida ao que significa um bico de luz.

Estaremos, além disso, lançando proximamente um programa de energias alternativas, como pequenas centrais hidrelétricas, eólicas e de biomassa. Estou certo de que o êxito da experiência de Poços de Caldas será aproveitado no projeto.



Vivemos, portanto, um momento histórico, pois estamos criando condições para que o país volte a crescer, tenha mais empregos e faça uma justa distribuição de renda.

Estou certo de que o modelo energético de Poços de Caldas é uma alternativa viável para vários municípios brasileiros. É também uma contribuição valiosa para dotar o país da infra-estrutura necessária ao desenvolvimento.

É importante, meu companheiro Paulo Tadeu, meu caro governador Aécio Neves, meus ministros aqui presentes, meus companheiros e minhas companheiras, dizer para vocês que em 2002, eu resolvi fazer uma viagem pelo sul de Minas Gerais para visitar as cidades banhadas pelos lagos que fornecem a energia produzida por Furnas.

Tomei conhecimento da realidade de muitas das cidades aqui do sul de Minas Gerais e saí daqui, depois de visitar uma outra hidrelétrica, convencido de que era preciso o Brasil voltar a aproveitar as coisas que nós tínhamos. E a megalomania adotada na década de 70 era de construir as grandes hidrelétricas e desativar as pequenas quando, na verdade, se poderia ter construído as grandes hidrelétricas, deixando as pequenas continuarem a prestar serviços para cidades onde elas existiam.

Cheguei em São Paulo e a Dilma Rousseff participava junto com o companheiro Pingueli de um grupo que produziu uma proposta energética para a campanha de 2002. Entreguei um documento ao Pingueli mostrando o que tinha no Brasil. Mais de 1500 pequenas hidrelétricas desativadas, e muitas delas poderia ser reativadas porque já tinham barragem, porque já tinham máquinas que estavam paralisadas há tempos e porque já tinham causado os problemas que poderiam causar no meio ambiente há 30 ou 40 anos atrás.

Mas nós tomamos posse, e eu acho que está na hora, companheira Dilma, da gente começar a garimpar a situação dessas pequenas hidrelétricas espalhadas pelo país afora. Muitas delas vão precisar de manutenção.



Quando eu cheguei aqui, em Poços de Caldas, e fui visitar a hidrelétrica, o Cícero e o Paulo Tadeu me contaram que tinham algumas máquinas totalmente deterioradas e que eles tiveram que, praticamente, ser recuperadas. E todas estão produzindo.

É porque, normalmente, no Brasil, as pessoas param uma obra do outro prefeito ou do outro governador ou do outro presidente para fazer a sua. E você, ao invés de parar o que existia de bom em Poços de Caldas, você resolveu aperfeiçoar e hoje são significativas as homenagens que vocês têm recebido, pelo Brasil afora, e o reconhecimento de que só Poços de Caldas, em Minas Gerais, e Ijuí, no estado do Rio Grande do Sul, é que mantém essa extraordinária experiência de fazer funcionar pequenas hidrelétricas como essa que nós inauguramos hoje.

Eu penso que nesse garimpo, que nós vamos fazer pelo Brasil afora, sem fazer promessas quantitativas ou de tempo, nós vamos ter que começar a perceber que se depender do modelo que nós estamos aprovando, apresentado pela companheira Dilma, nós nunca mais teremos apagão no nosso país.

Nós fizemos a licitação, no final do ano passado, de cinco linhas de transmissões, que vai interligar, praticamente, todo o sistema brasileiro, que é uma das primeiras etapas para evitar que falte energia no Brasil.

Portanto, eu quero dizer aos empresários que estão aqui e a possíveis investidores: se vocês quiserem investir num país onde a ministra de Minas e Energia, o presidente da República, pode olhar na cara de vocês e afirmar que nós não temos medo do crescimento econômico, porque temos mão-de-obra qualificada, gente boa para o trabalho e energia de sobra, se Deus quiser, para agüentar o crescimento da economia do nosso país, esse país é aqui. Por isso haverá, nesses próximos anos, muito investimento em infra-estrutura e, sobretudo, na questão energética.

Portanto, eu quero dizer a vocês da minha alegria de estar aqui,



trazendo alguns companheiros para conhecer essa experiência maravilhosa, e voltar a Poços de Caldas é sempre muito importante. Eu vim a primeira vez aqui, em lua-de-mel, em 1969. Vocês ainda trafegam charrete por aqui, mas era normal a gente pegar uma charrete para ver o Véu da Noiva, Cachoeira das Antas. Eu fiz tudo isso com uma charrete.

Depois eu voltei em 79, antes de fundar o PT, aqui, no Congresso Nacional dos Metalúrgicos. Eu vim em Poços de Caldas como sindicalista, em 1979, numa grande greve que os metalúrgicos fizeram na Alcoa, e eu vim na porta da Alcoa fazer uma assembléia porque os dirigentes sindicais estavam sendo perseguidos naquela época. Nem dirigentes sindicais não eram. Eram os trabalhadores que estavam fazendo greve, porque o sindicato tinha uma posição meio conservadora com relação à greve naquela época. E depois nós viemos aqui num congresso dos metalúrgicos, quando nós tivemos a idéia de propor aos metalúrgicos a aprovação, no Congresso, da perspectiva da criação de um partido dos trabalhadores. Jamais me passou pela cabeça que eu voltaria no dia 16 de janeiro de 2004 como presidente da República, aqui, em Poços de Caldas. Jamais.

Todos vocês que acompanham a política sabem o sacrifício que o presidente da República fez, que o governador do estado fez e que a maioria dos prefeitos têm que fazer por este país afora, no primeiro ano de mandato.

O primeiro ano é o que nós chamamos de arrumar a casa, o primeiro ano é o que nós chamamos de preparar a casa para novos grandes exemplos e vocês estão lembrados que eu tomei posse dizendo que estava otimista com o Brasil, e passado um ano, depois de todas as dificuldades, eu posso dizer para vocês: eu duvido que tenha na face da terra um ser humano mais otimista do que eu com o futuro deste país.

O Aécio disse bem, a nossa geração tem que provar que o fato de pertencermos a partidos diferenciados, o fato de sermos adversários eleitorais numa eleição, não permite que sejamos pequenos ao ponto de deixarmos os



interesses do país e dos estados subordinados às nossas pequenas divergências, às nossas pequenas nuances, que são menores do que o desejo e do que a inspiração do povo deste país.

Eu aprendi na minha vida a não confundir as divergências políticas com a minha relação de amizade pessoal. Eu aprendi a não confundir as divergências político-ideológicas com uma relação que um chefe de Estado Federal tem que ter com um chefe de estado estadual ou municipal.

Tem uma relação institucional subordinada à vontade do povo de cada cidade ou de cada estado, que nos obriga a ter a grandeza de saber que quando eleito presidente da República, não tem mineiro, não tem pernambucano, não tem paulista, não tem gaúcho, não tem governador. Todos são brasileiros e, portanto, todos têm que ser tratados com dignidade e com respeito.

É por isso, que fizemos a reforma tributária e fizemos a reforma da Previdência. Duas reformas “tinhosas”, que deram trabalho, mas a primeira atitude que eu tive, foi chamar os 27 governadores para fazermos a chamada boa cumplicidade. E fizemos uma proposta enviada ao Congresso Nacional, que foi aprovada e, certamente, o tempo dirá quem foi beneficiado com essa reforma tributária.

Eu acho que os municípios ganharam mais, eu acho que os estados ganharam mais, eu acho que a União ganhará mais e eu acho que o povo ganhará mais porque a carga tributária vai ser menor e quanto mais gente pagar, mais a gente pode diminuir a carga tributária para aqueles que efetivamente pagam impostos no nosso país.

Quero dizer para vocês que estou otimista porque tenho andado o Brasil e o Mundo e a perspectiva que se tem sobre o Brasil é a melhor possível. Sou otimista porque conheço os problemas do Brasil, não de ouvir dizer, pois acho que há poucos lugares neste país por onde eu já não passei, ou de ônibus, ou de carro, ou de trem, ou em algum meio de transporte. E como eu, em 2000,



saí de Varginha para vir a Poços de Caldas, eu fiquei indignado com a qualidade das estradas que tinham para vir para cá. Fiquei indignado.

Do ponto de vista político, essa estrada era federal, depois, num acordo feito com o governo Itamar, essa estrada virou estadual. A mim não importa saber se ela é estadual, federal ou municipal. O que importa é que o governo do estado, o governo federal e os prefeitos da região precisam estabelecer quantas parcerias forem necessários para que, ao invés de ficar discutindo de quem é a responsabilidade de fazer, a gente garanta o direito de ir e vir das pessoas, da forma mais segura possível.

E eu sei que ainda não pudemos fazer nada. E nem era possível fazer, no primeiro ano, as coisas que nós queremos fazer. Mas nós sabemos que um país que não cuida das suas estradas, é um país que perde competitividade, é um país que perde emprego, é um país que perde produtos agrícolas, é um país que perde investimento, porque o que atrai investimento, não são os olhos do Presidente. Não é o fato do presidente ser bom ou ruim. O que atrai investimento e a musa que avoca a paixão dos investidores, é a oferta de infraestrutura que nós pudermos oferecer a quem quiser investir no nosso país. E isso nós vamos cuidar com carinho.

Não vou fazer promessa, Paulo Tadeu, porque não faz parte da minha política fazer promessa. Mas o Paulo Tadeu estava me colocando um problema que tem nesta cidade, da chamada Avenida Alcoa. É um problema sério, é uma obra importante para a cidade. Eu poderia aqui dizer: não, nós vamos fazer. Não vou dizer. Eu ouvi a demanda do Paulo Tadeu, está aqui o ministro dos Transportes, nós vamos, depois, conversar direitinho e ver o que é possível fazer. Eu prefiro não prometer e vir fazer, do que prometer e não aparecer nunca mais aqui, como muitas vezes acontece na História do nosso país.

E eu também tenho que tomar cuidado, porque como eu, ao terminar o meu mandato, vou continuar andando pelo Brasil, conversando com vocês, eu não posso prometer aquilo que eu não posso fazer, porque vocês vão me



cobrar. Alguns nunca mais aparecerão, mas como a minha origem se deu exatamente nessa convivência com o povo brasileiro, eu não posso largar disso. Eu digo sempre, alguns podem viajar para outro lugar, mas eu tenho que voltar para São Bernardo, a 600 metros do meu sindicato. Então, eu não posso fazer nada que possa machucar aqueles que são a origem da minha existência política e a razão pela qual eu resolvi disputar tantas eleições até ganhar uma.

Quero dizer para o governador Aécio Neves que Minas Gerais merece, do governo federal, o respeito pelo que Minas representa do ponto de vista econômico, pelo que Minas representa do ponto de vista político, pelo que Minas representa do ponto de vista cultural. De vez em quando alguns dizem: “Será que o Brasil seria o Brasil se não fosse Minas Gerais?” Eu acho que sim por causa de Pernambuco, entretanto, como eu acho que, em algum momento, em outra encarnação, eu fui mineiro, fico feliz em dizer a todos vocês que por mais que a gente faça por Minas Gerais, a gente nunca fará tudo o que Minas Gerais merece porque, afinal de contas, foi aqui, dessas bandas do solo brasileiro, que brotou a independência do nosso país.

Muito obrigado, gente, e até outro dia.

/rss/cms